

Modificadores graduais coloquiais: o caso de 'pra caralho'

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i2.3339>

Renato Miguel Basso¹
Luisandro Mendes de Souza²

Resumo

O presente texto traz uma análise semântica da expressão 'pra caralho', tratando-a como um modificador de grau que atua simultaneamente em duas dimensões do significado, a dimensão veri-condicional e a dimensão uso-condicional. Depois de fazer uma descrição das interpretações possíveis que tal expressão suscita, apresentamos uma análise semântica que aproxima 'pra caralho' de 'muito', na dimensão veri-condicional, argumentando que 'pra caralho' lida com graus mais altos do que 'muito'; do ponto de vista uso-condicional, 'pra caralho' veicula estados emocionais não-neutros do falante, que podem ter relação com surpresa ou quebra de expectativa. Nossa análise toma como base fundamentos da semântica de graus para adjetivos escalares.

Palavras-chave: semântica formal; modificadores; semântica de graus.

1 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; rmbasso@ufscar.br; <https://orcid.org/0000-0003-2580-0365>

2 Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil; luisandro@ufpr.br; <https://orcid.org/0000-0002-4499-3820>

Colloquial scalar modifiers: the case of 'pra caralho'

Abstract

This paper presents a semantic analysis of the expression '*pra caralho*', treating it as a degree modifier that acts simultaneously in two dimensions of meaning, the truth-conditional dimension and the use-conditional dimension. We firstly describe the possible interpretations which this expression raises, and then we present a semantic analysis that approximates '*pra caralho*' to '*muito*' (much, a lot) in the truth-functional dimension, arguing that '*pra caralho*' expresses higher degrees than the ones involved in '*muito*'. From a use-conditional point of view, '*pra caralho*' conveys non-neutral emotional states of the speaker, which may have to do with surprise or unexpected outcomes. Our analysis is based on the fundamentals of degree semantics for scalar adjectives.

Keywords: formal semantics; modifiers; scalar semantics.

Introdução

Na trilha aberta pela perspectiva bidimensional do significado (POTTS, 2005, 2007; MCCREADY, 2010; GUTZMANN, 2013, 2015), nosso objetivo neste artigo é propor uma descrição das propriedades semânticas do modificador '*pra caralho*', que é um dentre vários exemplos do que podemos chamar de "modificadores graduais coloquiais" (MGC) do português brasileiro (PB), que formam pelo menos dois conjuntos: a) um formado por *para x*, e.g. '*pra burro*', '*pra cacete*', '*pra caralho*', '*pra porra*', '*paca(s)*' etc.; e b) outro formado por *a x*, e.g. '*à beça*', '*a rodo*', '*às pampas*'³. A descrição que faremos de '*pra caralho*', mesmo sendo preliminar, pode, em princípio, se aplicar a outros MGCs.

Esse tipo de modificador, conforme argumentaremos, atua tanto na dimensão veri-condicional quanto na dimensão uso-condicional do significado, e por isso na primeira seção deste texto ("Duas dimensões de significado"), apresentaremos brevemente o que são essas dimensões e como tratá-las. Na segunda seção ("Apontamentos sobre a distribuição e interpretação de '*pra caralho*'"), vamos discutir alguns fatos gerais sobre a distribuição e interpretação da expressão '*pra caralho*', assumindo que os fatos principais que nos interessam são, na verdade, propriedades do conjunto dessas expressões como um todo, mas sem o intuito de ser exaustivo. Na terceira seção ("A bidimensionalidade de '*pra caralho*'"), lidaremos com a contribuição semântica de '*pra caralho*', tanto na dimensão veri-condicional quanto na uso-condicional, e na quarta seção ("Uma semântica para '*pra caralho*'") oferecemos uma análise semântica para essa expressão. Finalmente, a Conclusão retoma o caminho percorrido e alguns dos problemas em aberto.

3 Sobre '*pra caralho*' e outros modificadores, cf. Saito (2013) e Souza (2017, 2018); sobre '*a rodo*' e similares, cf. Souza (2019, 2020). Sobre outros modificadores graduais coloquiais, cf. Foltran e Nóbrega (2016), Basso e Souza (2020) e Basso (2020).

Duas dimensões de significado

A semântica formal das línguas naturais assume que o significado das sentenças (a proposição) é derivado do significado das partes e o modo como se combinam (a composicionalidade fregueana), relacionando o conteúdo das sentenças aos mundos possíveis que as tornam verdadeiras – esse é o cerne da semântica veri-condicional. Nesse sentido, fazer semântica, em grande medida, se resume a entender como as partes das sentenças contribuem para o todo, tentando explicar suas propriedades semânticas, isto é, os acarretamentos que geravam ou não, e de que modo esses itens afetam as propriedades lógicas da sentença. Essa estratégia acaba por deixar de lado uma série de fenômenos do significado que parecem resistir a qualquer tentativa de formalização, ou mesmo de tratamento veri-condicional, pois há fenômenos que não contribuem para esse tipo de significado.

Desde o começo dos estudos formais sobre o significado, a presença de um significado particular que não é veri-condicional foi notado por vários pensadores, mas raramente foi tratado de modo sistemático. Por exemplo, Frege (1897 *apud* GUTZMANN, 2019, p. 12) discute a diferença entre os termos alemães 'Hund' e 'Cur'; ambos podem ser traduzidos por "cachorro", mas ao passo que o primeiro é neutro, o segundo indica que o falante tem uma atitude negativa com relação ao cachorro, como um uso ofensivo de 'vira-lata'. Ao longo do tempo, esse significado foi chamado de *expressivo*, *conotativo*, *emocional*, *uso-condicional*⁴, entre outros termos (cf. CRUSE, 1986; GUTZMANN, 2013). Nesse sentido, como exemplo, as interjeições são uma classe de expressões linguísticas que expressam algum tipo de emoção, mas que não expressam qualquer conteúdo que possa ser "traduzido", digamos assim, em termos de um conteúdo veri-condicional, isto é, interjeições carregam um conteúdo que não pode ser tratado dentro de uma semântica que tenha como única dimensão de significado as condições de verdade⁵, do mesmo modo que 'Cur' significa, além de 'cachorro', uma avaliação negativa do falante sobre um dado animal.

Para capturar um conteúdo que não se conforma ao comportamento veri-condicional, a estratégia é tratar esse conteúdo como uma outra dimensão do significado, paralela ao significado veri-condicional, chamada, como vimos, de significado uso-condicional ou expressivo. Em linhas gerais, uma visão bidimensional do significado supõe que as línguas naturais têm expressões, como 'vira-lata' ou 'merda', usado como interjeição, que trazem um significado que não contribui para as condições de verdade da sentença em que aparecem, mas que ao mesmo tempo não é pragmático, seja como implicatura

4 Neste artigo, usaremos esses termos como sinônimos.

5 Para uma revisão das abordagens do tratamento das interjeições dentro de uma semântica unidimensional e bidimensional, ver a dissertação de Teixeira (2019) e Basso e Teixeira (2019).

conversacional, seja como implicatura convencional⁶. Em essência, o significado de uma sentença como (1) envolve dois conteúdos que não podem ser tratados como se envolvessem uma conjunção de duas proposições, ambas veri-condicionais: “o falante perdeu o ônibus & o falante está insatisfeito com o fato de ter perdido o ônibus”⁷.

1. Eu perdi a merda do ônibus!

Há vários argumentos para essa distinção entre duas dimensões do significado, que, por motivos de espaço e escopo, não podemos recuperar aqui, mas uma das evidências importantes é a relação de itens uso-condicionais com a negação, que, por ser um operador veri-condicional, não afeta esses itens⁸. Isso pode ser visto em (2), em que a negação incide apenas sobre o conteúdo “o falante perdeu o ônibus”, negando-o, mas não afeta o conteúdo uso-condicional “o falante está insatisfeito com o ônibus”:

2. Eu não perdi a merda do ônibus!

Resumidamente, podemos dizer que (1) envolve, então, duas dimensões de significado: a) a dimensão veri-condicional (VC), que carrega o conteúdo da proposição e que, por isso mesmo, pode ser alvo de negação, por exemplo; b) e a dimensão uso-condicional (UC), que carrega o conteúdo expressivo, e que não é alvo de operadores veri-condicionais. A primeira vem representada na parte de baixo da fração em (3):

3. Eu perdi a merda de ônibus! = O falante está insatisfeito com o ônibus (UC)

O falante perdeu o ônibus (VC)

Essas noções são fundamentais para lidarmos, entre outras coisas, com a diferença entre (4) e (5):

6 Com base nas ideias de Grice (1982 [1975]), alguns autores de fato sugeriram que o significado expressivo poderia ser tratado como uma implicatura convencional, mas Bach (1999) argumentou convincentemente que esse não era o melhor caminho.

7 Para uma análise detalhada da construção “a merda de N”, cf. Basso (2020).

8 Entre os argumentos e testes linguísticos empregados para identificar conteúdos uso-condicionais, podemos citar: independência (é que vemos com o exemplo (2), ou seja, o significado uso-condicional não é afetado por operador/modificadores veri-condicionais); não-deslocabilidade e dependência de perspectiva (o conteúdo uso-condicional está sempre associado a uma perspectiva avaliativa e, a não ser em situações muito particulares, está associado inexoravelmente a essa perspectiva); inefabilidade descritiva (a impossibilidade de recuperar o conteúdo uso-condicional com recursos exclusivamente veri-condicionais); imediatez (assim como performativos, o conteúdo uso-condicional é acessado assim que uma expressão uso-condicional é usada); e repetibilidade (em geral, a repetição de expressões uso-condicionais não gera redundâncias, mas sim reforço de sua interpretação). Cf. Potts (2005, 2007) e Gutzmann (2015, 2019).

4. Essa música é *muito* legal.

5. Essa música é legal *pra caralho*.

Em (5), o entusiasmo pela música em questão parecer ser maior do que em (4), e há também um envolvimento emocional do falante – revelado pelo fato de ele usar um termo tabu – que não é encontrado em (4), que é uma sentença neutra (“neutra” em termos estilísticos ou de registro; ou com conteúdo apenas veri-condicional). Tanto em (4) quanto em (5), as expressões em *itálico* modificam o grau em que o falante considera a música em questão legal, por isso consideraremos que ‘pra caralho’ é um tipo de modificador de grau. Porém, como adiantamos sua contribuição, por veicular um envolvimento emocional do falante, não é apenas veri-condicional, sendo um modificador de grau bidimensional, e essa diferença deve ser englobada em sua análise.

Sendo assim, na seção a seguir, discorreremos sobre a distribuição sintática e as interpretações da expressão ‘pra caralho’ para então propormos uma análise.

Apontamentos sobre a distribuição e interpretação de ‘pra caralho’

A literatura sobre modificadores graduais coloquiais em geral costuma tratá-los como variantes coloquiais de ‘muito’ ou como seus “dublês” (cf. ILARI *et alii.*, 1991; BORBA, 2003; GUIMARÃES, 2007). De fato, itens das classes mencionadas acima, como ‘pra burro’ etc. e ‘à beça’ etc., compartilham com ‘muito’ várias características semânticas e sintático-distribucionais, e o mesmo vale para ‘pra caralho’. Funcionam como determinantes (6) e como advérbios intensificadores de adjetivos (7); e do ponto de vista interpretativo, grosseiramente, em (6) as expressões todas designam “grande quantidade” e em (7), “alto grau”⁹.

6.
 - a. João leu muitos livros nas férias.
 - b. João leu livro pra burro nas férias.
 - c. João leu livro à beça nas férias.
 - d. João leu livro pra caralho nas férias.

7.
 - a. João é muito alto.
 - b. João é alto pra burro.
 - c. João é alto à beça.
 - d. João é alto pra caralho.

⁹ Na sequência, consideramos apenas a expressão foco deste artigo, deixando de lado os demais MGCs.

Em relação à modificação de verbos, assim como ‘muito’, ‘pra caralho’ atua sobre diferentes classes semânticas. Mesmo sem entrar em todos os detalhes das interpretações resultantes, notamos que, dependendo do tipo de verbo, temos leituras diferentes. Verbos psicológicos ou estativos como em (8) resultam em interpretação de “intensidade”, ou seja, o grau do “gostar”; com *accomplishments* podemos ter (i) uma leitura orientada para o evento ou (ii) para o objeto (cf. KRIFKA, 1989) e ainda (iii) uma leitura de duração do evento. Assim, as sentenças em (9) são verdadeiras se: a) houve muitos eventos de assistir filme nas férias; b) houve um grande número de filmes vistos nas férias; c) o João passou muito tempo vendo filme nas férias (mesmo que seja um único filme).¹⁰ No caso de atividades, como em (10), as leituras são de duração ou de número de eventos. Além disso, atividades podem ter uma leitura qualitativa, com verbos que designam eventos que requerem algum tipo de habilidade, como em (11), indicando que o grau da habilidade foi alto (cf. PIRES DE OLIVEIRA; SOUZA, 2018):

8. a. João gosta muito de “Detalhes”.
b. João gosta de “Detalhes” pra caralho.
9. a. João assistiu muito filme nas férias.
b. João assistiu filme pra caralho nas férias.
10. a. João correu muito no mês passado. [“muitas vezes/muito tempo”]
b. João correu pra caralho no mês passado.
11. a. Gabriel jogou muito na partida de ontem. [qualidade/habilidade]
b. Gabriel jogou pra caralho na partida de ontem.

Contudo, diferentemente de ‘muito’, o MGC ‘pra caralho’ não pode ser usado como predicado (12), como “pronome indefinido” (13), como diferencial em estruturas comparativas (14) na mesma posição que ‘muito’, e como “adjetivo” precedido de artigo definido ou demonstrativo (15).

12. a. Essa comida que você colocou pro cachorro é muito.
b. *Essa comida que você colocou pro cachorro é pra caralho.
13. a. João convidou várias pessoas, mas muitas não puderam comparecer.
b. *João convidou várias pessoas, mas pra caralho não puderam comparecer.
14. a. João é muito mais alto do que Carlos.
b. ??João é pra caralho mais alto do que Carlos.
c. João é mais alto pra caralho do que Carlos.

10 Sobre as leituras de ‘muito’ com verbos, cf. Guimarães (2007), Gomes (2018) e Pires de Oliveira e Souza (2018).

15. a. Um leitor perspicaz, como eu suponho que há de ser o leitor deste livro, dispensa que eu lhe conte os muitos planos que ele teceu, diversos e contraditórios. (Machado de Assis, *A mão e a luva*)

b. ??Um leitor perspicaz, como eu suponho que há de ser o leitor deste livro, dispensa que eu lhe conte os planos pra caralho que ele teceu, diversos e contraditórios.

Esse contraste evidencia que ‘pra caralho’ parece ser exclusivamente um modificador de grau, não podendo atuar com outras funções, como é o caso de ‘muito’. A função de modificador de grau surge também quando ‘pra caralho’ aparece em estruturas que envolvem artigos definidos e demonstrativos, e com artigos indefinidos – a leitura relevante aqui, em todos os exemplos, é de “uma grande quantidade de docinho”¹¹, e não a leitura de “uma grande quantidade de eventos de comer o/aquele docinho”, também disponível. Ou seja, supomos que a modificação de ‘pra caralho’ seja diretamente sobre o nome e não sobre o sintagma verbal.

16. João comeu aquele/daquele docinho pra caralho. [demonstrativo]

17. João comeu o docinho de amendoim pra caralho. [artigo definido]

18. João comeu um docinho pra caralho. Não me lembro agora qual foi.

É interessante notar que quando temos ‘muito’ e ‘pra caralho’ simultaneamente presentes numa dada sentença, cada um deles atuará sobre um componente diferente, caso contrário a sentença será ruim. Para (19), temos que João leu uma grande quantidade de livros (“muitos livros”) várias vezes (“leu... pra caralho”), ou seja, ‘muitos’ atua no NP e ‘pra caralho’ no VP¹²:

19. João leu muitos livros pra caralho.

Em resumo, ‘pra caralho’ pode aparecer logo depois do verbo, como em (20), ou depois de um adjetivo gradual, como em (21). Em (20), a interpretação de ‘pra caralho’ pode ser de intensidade (20a), quantidade de casas construídas (20b) ou repetição (20c); em (21), temos uma interpretação de (aumento de) intensidade do grau de gostosura do bolo. Finalmente, (22) mostra duas interpretações possíveis de ‘pra caralho’, e mostra que a posição sintática de ‘pra caralho’ é relevante para termos uma interpretação de repetição (22a) ou de intensidade (22b).

11 Talvez isso fique mais claro ao forçarmos ainda mais uma leitura episódica, como em “João comeu aquele/daquele docinho pra caralho na festa ontem” – a leitura de quantidade aqui é mais saliente do que repetição de eventos. Agradecemos um dos pareceristas por sugerir este esclarecimento.

12 Há certamente outras combinações e restrições em jogo aqui que merecem receber um tratamento mais detalhado em trabalhos futuros.

20. a. João falou pra caralho.
 b. João construiu casa pra caralho.
 c. João ouviu uma música pra caralho.
21. João comeu um bolo gostoso pra caralho.
22. a. João assistiu pra caralho um vídeo longo.
 b. a. João assistiu um vídeo longo pra caralho.

O quadro abaixo resume as interpretações apresentadas para ‘pra caralho’, sem o intuito de ser exaustivo:

Quadro 1. Distribuição e interpretação de ‘muito’ e ‘pra caralho’

Distribuição	<i>muito</i>	<i>pra caralho</i>	Leitura
Verbos eventivos	ok	ok	repetição/duração/qualidade
Verbos estativos	ok	ok	intensidade
Adjetivos	ok	ok	intensidade
Nomes	ok	ok	quantidade

Fonte: Elaboração própria

Sobre a interpretação de ‘pra caralho’, ela pode ser de fato aproximada à contribuição semântica de ‘muito’ (às vezes de ‘muitas vezes’, como (22a)), mas há uma diferença importante que é justamente o fato de ‘muito’ ser veri-condicional e ‘pra caralho’ ser um modificador bidimensional, ou seja, contribui tanto para as condições de verdade quanto para a dimensão uso-condicional. Na seção a seguir, exploraremos a semântica de ‘pra caralho’ em contraste com ‘muito’.

A bidimensionalidade de ‘pra caralho’

Nesta seção, nosso foco será a contribuição semântica de ‘pra caralho’ em contraste com ‘muito’. Num primeiro momento, em “A contribuição veri-condicional”, analisaremos a contribuição veri-condicional, deixando por ora de lado as diferenças expressivas entre essas expressões, às quais nos voltaremos na seção “A contribuição uso-condicional”.

A contribuição veri-condicional

Vimos acima que tanto ‘muito’ quanto ‘pra caralho’ denotam “grande quantidade” com substantivos, “muitas vezes/muito tempo” com verbos de eventos, e intensidade (“grau

muito alto”) com adjetivos e verbos estativos. Aparentemente, os MGCs têm as mesmas leituras. Retomemos o exemplo (6), repetido abaixo como (23), mas considerando apenas ‘pra caralho’:

23. a. João leu muitos livros nas férias.
b. João leu livro pra caralho.

Contudo, se essas expressões fossem sinônimas do ponto de vista veri-condicional, a sentença abaixo deveria ser contraditória, e não é isso o que vemos:

24. João leu muitos livros nas férias, mas não leu livro pra caralho.

Portanto, é razoável supor que ‘pra caralho’ designa uma região, um intervalo ou uma quantidade da escala relevante acima daquele considerado por ‘muito’, ou seja, ‘pra caralho’ é mais forte do que ‘muito’ porque envolve quantidades ou graus mais altos da escala relevante. Esse ponto pode ser evidenciado pelos exemplos a seguir:

25. a. Esse filme não é muito legal, é legal pra caralho.
b. ?? Esse filme não é legal pra caralho, é muito legal.
26. a. Esse filme não é legal pra caralho, é só muito legal.
b. ?? Esse filme não é muito legal, é só legal pra caralho.
27. a. Esse filme é muito legal, mas não chega a ser legal pra caralho.
b. ? Esse filme é legal pra caralho, mas não chega a ser muito legal.

Os contrastes comparativos acima demonstram que ‘pra caralho’ é mais forte do que ‘muito’ do ponto de vista veri-condicional, ou seja, envolve graus ou quantidades maiores.

Como ‘pra caralho’ é um elemento misto – ou seja, contribui tanto para a dimensão veri-condicional quanto para o uso-condicional – sua combinação com a negação, por exemplo, é possível, como vemos no exemplo abaixo:

28. A: - João é alto pra caralho.
B: - Não, o João não é alto pra caralho.

É importante notar que a negação, contudo, atua justamente somente na dimensão veri-condicional, isso quer dizer que o falante de (28B) não pode negar qualquer tipo de envolvimento emocional do falante de (28A): a negação pode atuar apenas na avaliação do grau de altura do João, ou seja, mesmo que o falante de (28B) não concorde que João seja alto d, em que d conta como “alto pra caralho” no contexto de fala, ele não pode negar a surpresa, quebra de expectativa ou qualquer envolvimento emocional de (28A) com o grau de altura do João.

Passemos agora à sua contribuição uso-condicional.

A contribuição uso-condicional

O que nos permite falar em MGCs é o fato de serem todos formados por itens tabus ou de registro coloquial e serem inovações lexicais no português brasileiro do séc. XX (cf. SOUZA, 2017, 2020), como é o caso de ‘pra caralho’.

O uso de itens tabus invariavelmente desperta estados emocionais dos falantes e assim vamos assumir que o conteúdo expressivo seja, de modo bastante amplo, algum “envolvimento emocional do falante”. A sentença (29) recebe, então, as duas paráfrases abaixo, em que se especificam a contribuição veri-condicional e uso-condicional.

29. João leu livro pra caralho.

VC: João leu uma grande quantidade de livros (acima da quantidade veiculada por ‘muitos livros’).

UC: O falante está envolvido emocionalmente com a quantidade de livros lidos pelo João.

Esse estado emocional pode evocar diversas disposições entre os falantes, entre elas podemos considerar a superação de uma expectativa ou surpresa diante de uma informação, e essa de fato parece ser uma das diferenças entre (30) e (31).

30. João leu livro pra caralho.

31. João leu muitos livros.

Com (31), temos a informação de que João leu uma quantidade de livros n igual ou maior a um padrão que conta como ‘muitos livros’ num contexto c ; por sua vez, com (30) temos, no nível veri-condicional, que João leu uma quantidade de livros n' , tal que $n' > n$, isto é, igual ou maior a um padrão n que conta como ‘muitos livros’ num contexto c , e que o falante está surpreso com o fato de João ter lido n' livros.

Na próxima seção, apresentamos uma proposta de análise bidimensional para ‘pra caralho’.

Uma semântica para ‘pra caralho’

Para poder lidar com a contribuição semântica de ‘pra caralho’, nas dimensões veri- e uso-condicional, primeiramente apresentaremos fundamentos de uma semântica de graus para adjetivos.

Tomaremos adjetivos graduais como predicados que relacionam indivíduos a graus na escala representado pelo adjetivo. Assim, baseado nos trabalhos de von Stechow (1984), Kennedy e McNally (2005), Beck (2011), entre outros, um adjetivo como 'alto' teria a seguinte definição:

$$32. = \lambda d. \lambda x. \mathbf{alto}(x) \geq d \quad \langle d, et \rangle$$

Ou seja, o grau de altura de x é igual ou maior que um grau d contextual que representa o que conta como alto num dado contexto. Para representar esse d contextual, é comum a postulação de um morfema silencioso pos , com a seguinte definição, de Kennedy e McNally (2005):

$$33. = \lambda G. \lambda x. \exists d[\text{standard}(d)(G)(C) \wedge G(d)(x)]$$

$$34. () = \lambda x. \exists d[\text{standard}(d)([\mathbf{alto}])(C) \wedge [\mathbf{alto}](d)(x)]$$

$$35. = 1 \text{ sse } \exists d[\text{standard}(d)([\mathbf{alto}])(C) \wedge [\mathbf{alto}](d)(\mathbf{Jo\~{a}o})]$$

Com (33), temos que o pos fornece para qualquer adjetivo gradual G um grau d que é o padrão contextual em C para G , e o indivíduo x é G apenas se ele apresentar pelo menos d . Em (34), vemos o pos combinado com 'alto' e em (35) temos análise de "João é alto", que é verdadeira se e somente se João tem no mínimo o grau d de altura que conta como padrão de alto em C .

Nosso próximo passo é definir 'muito' e sua contribuição. Com base nas ideias de Kennedy e McNally (2005), propomos, simplificada, que a contribuição de 'muito' é aumentar o grau d segundo o qual o indivíduo x é G , ou seja, 'muito' aumenta o grau da escala relevante, e isso pode ser visto em (36), no qual o índice sobrescrito "c" indica a substituição do contexto C do pos por y , associado ao que é considerado "muito" no contexto relevante. Em (37), apresentamos a análise da sentença "João é muito alto", que é verdadeira se e somente se João tem no mínimo o grau d que conta como "muito alto" no contexto relevante.

$$36. {}^c = \lambda G. \lambda x. \exists d[\text{standard}(d)(G)(\lambda y. [[pos(G)(y)]]^c) \wedge G(d)(x)]$$

$$37. {}^c = 1 \text{ sse } \exists d[\text{standard}(d)(\mathbf{alto})(\lambda y. [[pos(\mathbf{alto})(y)]]^c) \wedge \mathbf{alto}(d)(\mathbf{Jo\~{a}o})]^{13}$$

Para lidar com 'pra caralho' é preciso (i) considerar como essa expressão se diferencia de 'muito' na dimensão veri-condicional, (ii) representar sua contribuição uso-condicional e

13 A função $\lambda y.pos(G)(y)$, baseada em Kennedy e McNally (2015), tem como papel elevar o *standard* contextual relevante; o *standard* padrão é representado por "standard(d)(G)(C)", o *standard* alterado, por "standard(d)(G)($\lambda y. [[pos(G)(y)]]^c$)". O argumento será saturado, em (37), por "João". Agradecemos a um parecerista que nos chamou a atenção para esclarecer este ponto.

(iii) associá-la às diferentes interpretações possíveis que vimos resumidas no quadro 1. Lidaremos com esses pontos, nessa ordem, na sequência.

Sobre a diferença veri-condicional entre ‘pra caralho’ e ‘muito’, propomos que ela se dá justamente na decisão sobre o que conta como o grau padrão d da propriedade G , ou seja, podemos usar a mesma caracterização em (36), com a diferença de que agora o grau é maior que o grau envolvido em ‘muito’. Dito de outra forma, para ter a propriedade gradual G , o indivíduo x tem que ter G no mínimo no grau d no contexto C ; para ser “muito G ”, o indivíduo x tem que ter G no mínimo no grau d segundo parâmetro y ; e para ser “ G pra caralho”, o indivíduo x tem que ter G no mínimo no grau d segundo parâmetro z , como em (38)¹⁴:

$$38. \circ = \lambda G. \lambda x. \exists d[\text{standard}(d)(G)(\lambda z. [[\text{pos}(G)(z)]]^\circ) \wedge G(d)(x)]$$

Com relação à dimensão uso-condicional, seguindo os trabalhos de Potts (2005, 2007) e Gutzmann (2015, 2019), representaremos essa dimensão por meio do operador “•”, de modo que o que está à esquerda do operador é o conteúdo veri-condicional – α em (39) –, e o que está à direita é o conteúdo uso-condicional – β em (39):

$$39. \alpha \bullet \beta$$

Como conteúdo uso-condicional, sugerimos que ‘pra caralho’ envolva surpresa e/ou quebra de expectativa, e como tal conteúdo, por definição (cf. POTTS, 2005, 2007; GUTZMANN, 2015, 2019), não pode ser adequadamente representado por um conteúdo descritivo, usaremos a representação “ $\odot(d)$ ”, que indica o envolvimento emocional como grau expresso no conteúdo veri-condicional. Sendo assim, em (40) temos a representação de ‘pra caralho’ e em (41) a análise de “João é alto pra caralho”:

$$40. \circ = \lambda G. \lambda x. \exists d[\text{standard}(d)(G)(\lambda z. [[\text{pos}(G)(z)]]^\circ) \wedge G(d)(x)] \bullet \odot(d)$$

$$41. \circ = 1 \text{ sse } \exists d[\text{standard}(d)(\mathbf{alto})(\lambda z. [[\text{pos}(\mathbf{alto})(z)]]^\circ) \wedge \mathbf{alto}(d)(\mathbf{João})] \bullet \odot(d)$$

Uma paráfrase para (41) seria: João é alto pelo menos no grau d estabelecido no contexto segundo o parâmetro z e o falante está surpreso, emocionalmente envolvido, exaltado com o grau de altura do João.

O último ponto da nossa análise é considerar a diversidade de estruturas em que ‘pra caralho’ aparece. Como vimos com o quadro 1, ‘pra caralho’ pode ser interpretado como

14 Essa não é a única maneira de representar essa diferença e nosso intuito aqui é apenas explicitar o que há de semelhante entre ‘muito’ e ‘pra caralho’ do ponto de visto veri-funcional. Além disso, usar “ y ” para o caso de ‘muito’ e “ z ” para o caso de ‘pra caralho’ é apenas um recurso visual para deixar claro que estamos lidando com parâmetros contextuais diferentes.

repetição, duração, qualidade, intensidade e quantidade, a depender de atuar no VP, no NP ou no ADJP. O que há em comum entre todas essas possibilidades de interpretação é haver algo a ser medido, um grau de qualquer, de modo que 'pra caralho' atue sobre esse grau na escala relevante, veiculado que ele é pelo menos um certo valor contextual. Para adjetivos graduais, como vimos acima com (32), a presença de um grau é garantida pela sua própria estrutura – e assim, damos conta de casos de intensidade como em (41). A questão, contudo, é mais complexa quando lidamos com expressões que, em princípio, não carregam uma informação gradual – esse é o caso dos exemplos a seguir. Para esses casos, sem a contribuição de 'pra caralho', por exemplo, não há nenhuma interpretação gradual evidente e quando consideramos 'pra caralho' o resultado são (pelo menos) as interpretações que sugerimos:

42. a. João gosta de amendoim (pra caralho). – intensidade
- b. João pintou parede (pra caralho). – quantidade / duração
- c. João assistiu esse clipe (pra caralho). – repetição
- d. João estudou (pra caralho). – intensidade¹⁵

Assim, uma expressão como “João estudou”, em (42d), não envolve graus e a expressão 'pra caralho', como vemos em (40), demanda como argumento alguma estrutura gradual; sendo assim, podemos argumentar que estamos diante de um *mismatch* categorial cuja solução envolve algum tipo de coerção de modo que uma das partes de “João estudou” envolva algum grau e então possa se combinar com 'pra caralho'¹⁶. Nossa sugestão é propor uma função *meas* (de *measure*, “medida”) que toma o VP como argumento e retorna um VP gradual¹⁷. Ou seja, ao aplicar *meas* a 'estudar' temos um “estudar gradual”, que envolve, por exemplo, a intensidade ou qualidade do estudo que podem então se combinar com 'pra caralho', para resultar na interpretação de que o grau de intensidade/qualidade com que João estudou é igual ou superior a um padrão contextual alto de intensidade/qualidade de estudar e o falante está surpreso com esse grau. Uma explicação semelhante pode ser usada para lidar com (42a).

Para o caso de repetição de evento, como em (42c), a função *meas* tem como papel medir não mais a intensidade ou qualidade, mas sim a quantidade de eventos, ou seja, a

15 Em verbos de atividade, a escala relevante sobre a qual 'pra caralho' opera pode ser intensidade, quantidade (“João correu pra caralho”) e mesmo algum tipo de qualidade, como em “João jogou pra caralho”, em que não se avalia o tempo ou a intensidade com que João jogou, mas sim o fato de ele ter jogado com muita habilidade, qualidade. Agradecemos ao parecerista que nos apontou a questão da intensidade vs. qualidade.

16 Soluções diferentes, ainda que na mesma direção, para problemas envolvendo os itens *many* e *much* do inglês podem ser encontradas em Rett (2018) e Solt (2015).

17 Muito simplificada, *meas* toma uma expressão de tipo τ e retorna uma expressão do tipo $\langle \tau, d \rangle$, e o grau d se relaciona à escala relevante – intensidade, quantidade, repetição etc.

escala relevante aqui é a quantidade de vezes que João assistiu o clipe. A combinação com 'pra caralho' resulta então na interpretação de que essa quantidade é maior do que o esperado e o falante está surpreso com isso. Finalmente, para o caso de (42b), se a interpretação for de duração, a função *meas* se aplica ao VP e o relaciona a escalas de medidas de duração de eventos do mesmo tipo, e a interpretação de quantidade envolve a escala de paredes normalmente pintadas em eventos desse tipo.

É importante salientar que essa é apenas uma possibilidade de descrição do que acontece nesses casos do ponto de vista dos elementos semânticos envolvidos, e que trabalhos futuros devem descrever pormenorizadamente a função *meas*, sua aplicação e restrições. Sendo assim, passemos às conclusões deste texto.

Conclusão

Neste texto, nosso objetivo foi apresentar uma descrição semântica da expressão 'pra caralho', um exemplo do que podemos chamar de "modificadores graduais coloquiais" (MGCs). Depois de apresentarmos as interpretações possíveis que tal expressão suscita e sua distribuição sintática, em ambos os casos sem o intuito de ser exaustivos, propomos uma análise semântica para 'pra caralho' dentro de um quadro bidimensional do significado, segundo o qual há expressões linguísticas que contribuem a um só tempo com significados veri-condicionais e uso-condicionais.

Nesse sentido, 'pra caralho' é um modificador gradual, que envolve graus mais altos do que os graus envolvidos no uso de 'muito', e veicula algum envolvimento emocional do falante. Para lidar com as diferentes interpretações de 'pra caralho', propomos que há uma função *meas*, cujo papel é tomar uma expressão não-gradual e retornar uma expressão gradual que então se combinará com 'pra caralho', cumprindo suas exigências composicionais. Essa descrição preliminar dá conta de vários dos usos de 'pra caralho' e abre caminho para pesquisas futuras, que podem lidar com alguns dos problemas em aberto, como a descrição sintática mais aprofundada de 'pra caralho', sua relação com outros modificadores graduais, a função *meas* e sua descrição detalhada, entre outros. Seja como for, esperamos que o presente texto seja uma contribuição para a análise dos modificadores coloquiais graduais do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

BACH, K. The Myth of Conventional Implicature. *Linguistics and Philosophy*, v. 22, n. 4, p. 327-366, 1999.

BASSO, R. M. Use-conditional expressions and nonlocal interpretation: A case study of a Brazilian Portuguese structure. In: PIRES DE OLIVEIRA, R. et al. (org.). *Brazilian Portuguese, Syntax and Semantics: 20 Years of Núcleo de Estudos Gramaticais (Linguistik Aktuell / Linguistics Today)*, 2020. p. 68-85.

BASSO, R. M.; SOUZA, L. M. de. Puta: a sintaxe e a semântica de um controverso intensificador. *Revista Diadorim*, v. 22, n. 2, p. 528-556, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2020.v22n2a34290>

BASSO, R. M.; TEIXEIRA, A. Uma tipologia para as interjeições do português brasileiro. *Revista do GEL*, v. 16, n. 3, p. 10-34, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21165/gel.v16i3.2593>

BECK, S. Comparison constructions. In: MAIENBORN, C.; VON HEUSINGER, K.; PORTNER, P. (org.). *Semantics: An international handbook of natural language meaning*. vol. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011. p. 1341-1390.

BORBA, F. da S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CRUISE, A. D. *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

FOLTRAN, M. J.; NÓBREGA, V. Adjetivos intensificadores no português brasileiro: propriedades, distribuição e reflexos morfológicos. *Alfa*, v. 60, n. 2, p. 319-340, 2016.

GOMES, A. P. Q. Restrições aspectuais à distribuição do advérbio baixo 'muito'. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 1, p. 198-221, 2018. DOI: [10.20396/cel.v60i1.8649885](https://doi.org/10.20396/cel.v60i1.8649885).

GRICE, P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. vol. IV (Pragmática). Campinas: Edição do Autor, 1982. p. 81-103.

GUIMARÃES, M. R. *Dos intensificadores como quantificadores*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GUTZMANN, D. Expressives and beyond. In: GUTZMANN, D.; GÄRTNER, H. M. (org.). *Beyond Expressives. Explorations in Use-Conditional Meaning*. Current Research in the Semantics Pragmatics-Interface (CRiSPI). Leiden: Brill, 2013. p. 1-58.

GUTZMANN, D. *Use-conditional Meaning*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

GUTZMANN, D. *The grammar of expressivity*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. *In*: CASTILHO, A. T. (org.). *Gramática do português falado I: a ordem*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1991. p. 62-141.

KENNEDY, C.; McNALLY, L. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, v. 81, n. 2, p. 345-381, 2005.

KRIFKA, M. Nominal reference, temporal constitution and quantification in event semantics. *In*: BARTSCH, R. *et al.* (org.). *Semantics and Contextual Expressions*. Dordrecht: Foris, 1989. p. 75-115.

McCREADY, E. Varieties of conventional implicature. *Semantics and Pragmatics*, v. 3.8, p. 1-57, 2010. DOI: <https://doi.org/10.3765/SP.3.8>

PIRES DE OLIVEIRA, R.; SOUZA, L. M. de. Um rascunho para a semântica de *muito*: explorando a Semântica de Delineação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 60, n. 1, p. 222-241, jan./abr. 2018.

POTTS, C. *The Logic of Conventional Implicature*. Oxford Studies in Theoretical Linguistics 7. Oxford: Oxford University Press, 2005.

POTTS, C. The expressive dimension. *Theoretical Linguistics*, v. 33.2, p. 165-197, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1515/TL.2007.011>.

RETT, J. The semantics of many, much, few, and little. *Language and Linguistics Compass*, v. 12, n. 1, p. 122-169, 2018.

SAITO, F. S. Algumas expressões idiomáticas hiperbólicas do Português Brasileiro e suas relações com os *frames* de Avaliação e Massa Quantificada. *Gatilho*, Juiz de Fora, v. 8, n. 3, maio 2013.

SOLT, S. Q-Adjectives and the Semantics of Quantity. *Journal of Semantics*, v. 32, n. 2, p. 221–273, maio 2015.

SOUZA, L. M. de. Semântica formal e mudança de significado: o caso dos intensificadores. *In*: X CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2017. *Anais...* Niterói, RJ: UFF, 2017.

SOUZA, L. M. DE. A conotação negativa na gramaticalização de intensificadores. *In: MORAIS, E. de et al. (org.). Linguagem, identidade e subjetividade: vertigem das ciências humanas*. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2018. p. 158-169.

SOUZA, L. M. de. Locuções graduadoras coloquiais. *Letrônica*, v. 12, n. 2, p. e32138–e32138, out. 2019.

SOUZA, L. M. de. Sobre a origem de intensificadores encabeçados pela preposição *a*. *In: ILARI, R.; BASSO, R. M. (org.). História semântica do português brasileiro*. vol. 8. São Paulo: Contexto, 2020. p. 204-245.

TEIXEIRA, A. *As interjeições do português brasileiro e seus aspectos indexicais*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

VON STECHOW, A. Comparing semantic theories of comparison. *Journal of Semantics*, v. 3, p. 1-77, 1984.